

NARRADOR DESCONFIADO, CONSCIÊNCIA HESITANTE:

A EXPERIÊNCIA DE *OS EMBAIXADORES*
DE HENRY JAMES

– GABRIEL GIMENES DE GODOY

RESUMO

Os embaixadores, obra máxima de Henry James, não esteve livre de dificuldades de compreensão, em parte, relacionadas ao intrincado estilo, marcado pelos movimentos da consciência do herói, Strether. Este ensaio busca demonstrar como o encaminhamento da experiência de Strether nunca perde de vista o seu dilema social: um modesto editor de jornal norte-americano fascinado pelas condições de vida europeia sem, no entanto, deter condições materiais para arcar com esse universo de prazeres. O mergulho na consciência de Strether e a investigação da trajetória do herói permitem sondar as razões histórico-sociais atuantes na composição, que induz o leitor a aderir ao universo apresentado. Nesse sentido, a ironia de James incorpora as estratégias da classe dominante na tentativa de apagar as determinações sociais que poderiam desvelar o conteúdo material de sua influência e poder, revelando as manobras ideológicas da burguesia endinheirada.

Palavras-chave: Henry James; *Os embaixadores*, literatura norte-americana.

ABSTRACT

The Ambassadors is for Henry James his greatest work. The novel was not, however, free of difficulties regarding his comprehension, largely related to the author's intricate late style, which was marked by the movements of the consciousness of the hero, Strether. This essay intends to demonstrate how Strether's subjective experience never loses sight of his social dilemma: a modest American newspaper editor fascinated by European living conditions without the material conditions to bear this universe. The plunge into Strether's consciousness and the study of the hero's trajectory allows us to examine the historical-social reasons in the composition which seeks to induce the reader to adhere to the presented universe. The James's irony incorporates the strategies of the ruling class and attempt to erase the social determinations that could unveil the material content of its influence and power, thus constituting a revelation of the ideological maneuvers of the bourgeoisie.

Keywords: Henry James; *The Ambassadors*; North american literature.

I

O que é liberté? liberdade. Que liberdade? liberdade igual para todos, de fazer, dentro da lei, o que lhes aprouver. Quando é que um homem faz o que lhe apraz? quando tem um milhão. A liberdade dá um milhão a cada um? não. O que é um homem sem um milhão? um homem sem um milhão não faz o que lhe apraz, antes é um homem com quem fazem o que seja mais proveitoso.

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI,

Noites de inverno sobre impressões de verão.

*Enquanto dos mortais a multidão abjeta,
Sob o flagelo do Prazer, algoz horrendo,
Remorsos colhe à festa e sôfrega se inquieta,
Dá-me, ó Dor, tua mão; vem por aqui, correndo.*

CHARLES BAUDELAIRE,

As flores do mal.

O efeito de desorientação causado pelo primeiro parágrafo de *Os embaixadores* (1903), de Henry James (1843-1916), provoca estranhamento ao leitor acostumado com introitos descritivos, cuja principal função na economia narrativa talvez seja informar os pressupostos do que vai ser narrado adiante. Isso porque, sem sobreaviso, somos apresentados a uma série de referências desconhecidas. Tempo, espaço e caracteres são expostos de chofre. A significação dos elementos que ancoram e situam a leitura está como que posta a seco, disparada a três por dois. A ausência de uma instância ordenadora solicita não só atenção redobrada do leitor como também a total imersão no curso dos acontecimentos; pressupõe familiaridade com a situação a ser explicada; não expressa, por parte do narrador, um conhecimento totalizante acerca da situação.

A primeira pergunta que Strether se fez, ao chegar ao hotel, foi sobre o amigo; porém, ao saber que Waymarsh aparentemente só viria à noite, não ficou de todo desconcertado. Na recepção lhe apresentaram um telegrama dele com a resposta paga encomendando um quarto “desde que não muito barulhento”, de sorte que o trato de que se encontrariam em Chester, em vez de Liverpool, permanecia até então inalterado. Mas o mesmo

princípio secreto que induzira Strether a não desejar em absoluto a presença de Waymarsh no porto, e que portanto o obrigara a postergar em algumas horas o prazer de reencontrá-lo, agora operava de modo a fazê-lo sentir que ainda podia esperar sem sofrer nenhuma decepção. No pior dos casos, jantariam juntos e, com todo respeito ao velho amigo – para não dizer, aliás, a si próprio – havia pouca chance, logo depois, de não se verem o bastante. O princípio operador que acabei de mencionar constituía, para o último dos dois cavalheiros a desembarcar, totalmente intuitivo – o fruto de um pressentimento agudo de que, por mais agradável que fosse após tanto tempo fitar o rosto do companheiro, seria botar seu trabalho um pouco a perder se houvesse simplesmente arranjado para que tal fisionomia se apresentasse ao vapor como a primeira “nota” da Europa. Misturada a tudo isso já havia a apreensão, por parte de Strether, de que, na melhor das hipóteses, do começo ao fim, ela poria mais do que suficientemente à prova a nota europeia. (JAMES, 2010, p. 39)

Em contraste com o princípio do primeiro romance do autor, *Roderick Hudson*, James deplora o que, mais tarde, chamará de “mera massa assentada de informações” (JAMES, 2003, p. 126). Olhando retrospectivamente – o prefácio é de 1905, enquanto o romance de estreia começou a ser publicado em folhetim durante todo o ano de 1875 – James parece recusar a postura de um narrador que introduza preliminarmente o assunto.

No caso de *Os embaixadores*, somos introduzidos de imediato na ação, sem o apoio de um recurso narrativo que auxilie na compreensão. O gesto narrativo requer intimidade. Quem é Strether? Onde fica o hotel? Quem é o amigo? Por que ficaria desconcertado? Menos do que oferecer respostas, interessa o movimento que procura tragar o leitor. Não há tempo para tomar distância e fixar qualquer ponto de orientação. O ritmo um tanto truncado do parágrafo, cheio de negativas e verbos intransitivos, não impede que o leitor seja arrastado pelo torvelinho. Não obstante, uma vez inseridos – ou melhor, absorvidos –, não deparamos com a objetividade da realidade material constituída, mas sim com certa perspectiva humana.

Sabemos que se trata de um fato expresso: Strether chega a um hotel e, na ausência do companheiro que esperava encontrar, não fica desconcertado. A primeira oração ainda não revela quem é Strether, nem onde fica o hotel, tampouco o motivo de se sentir aliviado por não ter encontrado Waymarsh. Ainda assim podemos dizer: são acontecimentos e impressões que dizem respeito à situação de Strether.

O que vai a seguir – a recapitulação do acordo firmado com Waymarsh de manter o encontro entre os dois em Chester em vez de Liverpool – não parte do impulso arbitrário do narrador em oferecer explicações, *mas sim da sensação de prazer hesitante experimentada por Strether*, pela ausência do amigo que, estivesse a esperá-lo, poderia “botar seu trabalho um pouco a perder se houvesse simplesmente arranjado para que tal fisionomia se apresentasse ao vapor como a primeira ‘nota’ da Europa”.

Em uma só palavra, ainda que o narrador se firme enquanto instância narrativa (“O princípio operador que acabei de mencionar”), está subordinado ao fluxo das impressões imaginativas da personagem que invoca acontecimentos cuja relação com o presente se dá apenas na teia da consciência. Não se trata de um narrador-personagem – fosse assim, o mergulho subjetivo poderia se sobrepor a qualquer vislumbre da realidade, justificando a dificuldade de apreensão objetiva. A distância entre sujeito e objeto é garantida pela terceira pessoa narrativa, porém atrelada à percepção de Strether. Fica, assim, abolido o prisma onisciente.

A familiaridade e intimidade requeridas são quase o preço a se pagar pela configuração dos referenciais de ação a partir da percepção do herói. Trata-se de uma escolha técnica que justifica, em partes, a omissão do comentário explicativo do narrador sobre o conteúdo. O dispositivo do *refletor* jamesiano, ainda que acompanhe as impressões de seus centros de consciência, garante a distância da terceira pessoa, que torna possível dotar o conjunto de certa objetividade para o desenvolvimento dramático.

Vale insistir no caráter inovador deste recurso técnico-formal: a perspectiva onisciente do narrador, distanciado temporalmente dos acontecimentos, dispondo de autoridade suficiente sobre a matéria para opinar a respeito das personagens e ação, aqui é posta de lado. Em vez disso, James conjuga um dispositivo que permite aproximação e distanciamento: aproximação, já que o leitor está restrito ao prisma do *refletor* enquanto principal veículo de apreensão do conteúdo; distanciamento pois, ao evitar o apelo do narrador-personagem, pode enquadrar e colocar em perspectiva a percepção que serve de eixo narrativo.

O efeito não deixa de comunicar certa impessoalidade que, diferente da tentativa de isenção narrativa flaubertiana, aqui se dá pelos limites da percepção implicados no manejo técnico do *refletor* na tentativa de compreender o conjunto de relações em que a realidade toma pé.

Para melhor compreender este ponto talvez valha a menção a alguns dos procedimentos mobilizados por Machado de Assis destacados pela leitura crítica de Roberto Schwarz. Para o crítico, Machado, a seu modo, mesmo instalado em um chão social muito diferente do da Europa, não deixaria de estar em consonância com as práticas inauguradas por Flaubert. Sumariamente, um dos aspectos que diferenciam o escritor brasileiro do francês é a forma como logrou

atingir certo grau de objetividade em sua prosa observando as especificidades próprias de sua realidade local – justamente, pela intervenção judicativa do narrador no andamento da ação, o oposto do princípio flaubertiano (cf. SCHWARZ, 2012, p. 183-185). Nesta direção, Schwarz insere James – assim como Machado, um escritor também oriundo de certa periferia do capitalismo – no mesmo rol de autores preocupados com o estatuto opinativo do narrador, cuja razão histórico-social de ser, na Europa, se liga aos acontecimentos das Jornadas de Junho de 1848, na França.

Em resumo, o massacre do proletariado parisiense traz abaixo não só a Segunda República, mas também os ideais de fraternidade e igualdade que animaram a produção romanesca anterior. Sendo assim, os escritores tiveram que buscar novas técnicas se não quisessem compactuar apologeticamente com a mentira ideológica que passava, agora, a sustentar o domínio burguês: a ferocidade do ataque da burguesia lançava ao chão o conteúdo revolucionário que, outrora, havia servido a ela na luta contra o Antigo Regime. É nesse caldo de convulsão política e avanço reacionário, mas de cunho modernizante, que aporta James, vindo dos Estados Unidos em 1875, na Europa, onde residirá definitivamente. Adiante retomaremos o ponto para investigar os efeitos gerados pelas mudanças na topografia parisiense promovidas pelo governo que sucedeu a curta experiência republicana de 48.

Por ora, para compreender algo das razões histórico-sociais subjacentes à escolha por um prisma que demove o narrador de sua posição de autoridade onisciente, cumpre olhar mais detidamente para o desenvolvimento da economia interna de *Os embaixadores*. Ou melhor, como estamos fundidos à consciência e imaginação de Strether, vale tentar esquadrihar a experiência vivida que informa e enforma seu olhar.

O desenvolvimento da trama, o que James no prefácio à obra chama de “drama do discernimento” (JAMES, 2010, p. 23), ainda em abstrato, diz respeito não só aos reconhecimentos imaginativos da personagem, mas também a uma experiência individual que interessa pelo que pode revelar enquanto experiência histórica ampla. Sondar os motivos pelos quais o romance escolhe representar a realidade por uma via narrativa que, ao imergir na riqueza subjetiva do *refletor*, corre o risco de solapar a própria apresentação do real¹ não deixa de ser uma busca por determinada experiência histórica plasmada na composição – afetando o estatuto e a tradição do narrador que esbanja domínio sobre o que relata.

II

Menos do que explorar a experiência de nosso herói – afinal, o que ele estaria fazendo na Europa? E por que fica discretamente feliz com a ausência

[1] Sinalizando o perigo do desaparecimento da realidade concreta pela imersão no mundo interior das personagens, diz Sartre: “A realidade mostrada sem intermediário ao leitor não é mais a própria coisa, seja árvore ou cinzeiro, mas a consciência que vê a coisa; o ‘real’ não é mais que uma representação, mas a representação se torna uma realidade absoluta, pois nos é oferecida como dado imediato.” (SARTRE, 2006, p. 123)

do amigo? –, buscamos especificar o modelo narrativo do *refletor* que, ao evitar “o privilégio romântico da ‘primeira pessoa’” (idem, p. 28), permite fazer com que a consciência de Strether seja “aprisionada (*encaged*) e provida como *Os embaixadores* aprisiona (*encages*) e provê” (p. 29).

Antes de adentrarmos na ação, cabe deter-se nos principais traços do comportamento do *refletor*. Isso porque temos por fim a análise das razões endógenas que engendram a técnica narrativa; se quisermos formular uma hipótese para a desconfiança de James quanto ao que Strether poderia projetar caso tomasse a pena, é preciso matizar os termos com que ele capta e expressa o mundo a sua volta.

Ainda aqui o trecho acima pode nos servir. Em artigo sobre o primeiro parágrafo de *Os embaixadores*, Ian Watt afirma que a dificuldade de compreensão do texto não provém da aparente extensão das orações, mas sim do “atraso na especificação dos referentes: ‘Strether’, o ‘hotel’ e ‘seu amigo’ são mencionados antes que saibamos quem são e onde estão.” (WATT, 2010, p. 572).

Já havíamos comentado algo análogo ao desconhecimento prévio dos “referentes”: a aventura de Strether é apresentada por seu ponto de vista; a narrativa principia *in media res* não só por desconhecermos os motivos que o levaram à Europa, mas também por, já de saída, entrarmos na sua consciência, em que o significado dos referenciais *já* está posto. Enquanto que para nós, leitores, o conhecimento acerca do ocorrido se dá progressivamente.

Para Watt, o estilo tardio de James evita a informação ostensiva dos acontecimentos, contrário ao que se verifica nas introduções de cunho mais biográfico, como, por exemplo, nos casos em que o herói da narrativa dá título à própria obra (Ex: *A narrativa de Arthur Gordon Pym*, *Moll Flanders*, *As viagens de Gulliver*). A opção pela exposição a seco, dando como conhecida a significação para Strether, segue princípio endógeno: caso o narrador interviesse com explicações preliminares, assumindo a posição onisciente no trato com a matéria, comprometeria o “*continuum* mental dentro do qual o parágrafo como um todo existe.” (idem, p. 577).

O sacrifício da expressão objetiva se dá, sintaticamente, não só por uma inversão constante do discurso direto pela voz passiva – o que evidencia certo grau de elaboração reflexiva do pensamento por um narrador que ordena e organiza as impressões –, como também pela predileção por substantivos abstratos enquanto sujeito das orações principais e subordinadas: ‘question’ [pergunta], “understanding” [entendimento, trato], “the same secret principle” [o princípio], “his business” [seu negócio, trabalho]. O emprego de abstrações evitando substantivos concretos, além de permitir ao narrador expressar o processo mental do herói, aponta para uma generalização dos detalhes da experiência que deixa de pertencer somente a Strether para dizer respeito a um espectro social abrangente.

Não obstante o retardamento das especificações – o parágrafo não deixa de ser sobre o atraso de Strether em chegar a Chester –, há mais um ponto de dificuldade a ser considerado. O disseminado uso de negativas e quase negativas: há diversos “noes” ou “nots” nas primeiras orações, sem mencionar as negativas implícitas (“postpone” [negar], “without disappointment” [sem nenhuma decepção], “at the worse” [no pior dos casos] etc.). “A abundância de negativas sem dúvida tem várias funções: representa a tendência de Strether para a *hesitação e qualificação* [...] o efeito adicional de subordinar eventos concretos à sua reflexão mental.” (p. 577).

Detemo-nos sobre este ponto. A hesitação se relaciona não só à cadência particular da prosa jamesiana como também à especificidade como operam a consciência e o comportamento do *refletor* quando impulsionado pelo enredo. O cuidado excessivo na elaboração mental inibe qualquer afirmação sobre os acontecimentos, o que permite ir além e incorporar as indicações anteriores de Watt não só enquanto características de estilo, mas como marcas particulares da imaginação e personalidade de Strether.

O tom irônico de James, o exagero cômico e a hesitação enganosa da personagem “nos conduzem por um avanço complicado na direção do inevitável esclarecimento.” (p. 583). A constatação de uma verdade intuída marca a falsa posição de uma consciência que hesita diante da realidade, obstruindo o juízo crítico das relações em que está implicada. Tudo está em determinar o que faz falsa a posição de Strether; o que permite a predominância de termos abstratos que retardam o passo em direção à compreensão das relações do romance.

III

Em linhas gerais, podemos dizer que o núcleo temático de *Os embaixadores* gira em torno da (im)possibilidade de uma segunda chance. O herói advém da industrial Woollett, em Massachusetts, onde chegou a empreender negócios que não prosperaram. Após a morte da esposa e do filho, leva uma vida comedida em gastos e restrita em prazeres (“Não me embriago; não galanteio as damas; não gasto dinheiro; nem mesmo componho sonetos” (JAMES, 2010, p. 324), até que, assumindo compromisso de noivado, passa ao jugo indefectível de Mrs. Newsome. Strether estabelece relações amorosas, econômicas e sociais com a figura por trás da pujança industrial da cidade: é o capital de Mrs. Newsome que subsidia a gazeta local editada por ele, a *Wollett’s Review*.

Entretanto, para que o casamento se efetive – e assim Strether consolide o nome na sociedade local e tenha o futuro garantido –, deve ter êxito na missão para que foi designado: resgatar das garras da Europa o herdeiro dos negócios da família, o filho da noiva, Chadwick Newsome. Assim se deduz a razão da chegada em Chester: no encalço de Chad, Strether chega à Europa como

representante dos interesses de Woollett. Tal como Mrs. Newsome, também condena a possível influência feminina que pode estar agindo sobre o rapaz, atrasando o regresso. Em suma, está imbuído de valores norte-americanos em relação depreciativa com o Velho Mundo.

Contudo, quando em Paris, o herói dá vazão ao sentimento íntimo adormecido, sobrepujado pelos compromissos assumidos ao longo de sua vida na terra natal: deixa arrebatarse pelo espetáculo da civilização europeia (um mundo, para ele, que não é regido pelo cálculo financeiro e, portanto, onde há o predomínio de relações desinteressadas) e pelo refinamento adquirido por Chad, cujo comportamento distinto só pode ter sido obra de uma genuína *femme du monde*.

A vida à europeia teria lapidado o caráter e o trato do rapaz. Diante dele, a visão estreita, bem como os assuntos pecuniários de Woollett, cede a favor do vislumbre das possibilidades oferecidas pela Europa. Chad representa, para Strether, a possibilidade de transformação que sempre admirou – o tipo acabado do “homem do mundo” (idem, p. 165), do cosmopolita –, mas que não pôde concretizar, constricto pelos interesses a que teve de se sujeitar em Woollett.

Strether tem, portanto, uma história de vida que não pode ser posta de lado. Não representa apenas vontades alheias, mas gostos e aspirações próprios; *a idade propiciou experiência suficiente para entrever os fatos da vida de uma perspectiva nuançada, crítica e irônica*. A luz que emana da experiência ilumina o mundo da própria mente. Todavia, é o acúmulo de vida norte-americana, a visão de mundo forjada a partir do lugar social desprivilegiado de quem não se encaixa no ritmo dos negócios e de quem, para viver, depende do desempenho para com os ricos, que é posto em crise.

Desenvolve uma “dupla consciência” que congrega tanto a perspectiva norte-americana quanto o desejo de uma vida desimpedida na Europa. Seu amigo, Waymarsh, proveniente de Milrose (cidade ainda mais voltada para as realizações materiais do que Woollett), reforça a especificidade da nota local: desconfiado do modo de vida algo ocioso e diletante dos europeus, sua presença é um lembrete das obrigações que assumiu nos Estados Unidos; do conjunto de relações sociais em que toma parte, mas das quais deseja se desvincular (por isso se compreende que Strether, no trecho acima, prefira que o amigo não se apresente como sua primeira impressão do Velho Mundo).

“De modo algum”, ele falou com toda a convicção. “Foi bem o contrário. Desde o início preocupei-me com a impressão que tudo por aqui poderia ter sobre ela [Mrs. Newsome] – o que me oprimiu, assombrou, atormentou. Só cuidava em fazê-la ver o que eu via. E fiquei desapontado não apenas com a recusa dela

em ver quanto com achar que tudo se devia à perversidade de minha insistência.” (p. 487)

É a constante lembrança do complexo de relações amorosas e sociais em que o herói está implicado, o que terá por efeito um instilar negativo nas pretensões de uma segunda chance. A tensão mantida entre o abandono dos interesses que encabeça – rompendo com o noivado, prejudicando a possibilidade de uma colocação social – e a busca de uma vida livre fará com que Strether hesite diante do que vê.

IV

A célebre exortação do *Carpe Diem* feita por Strether a Little Bilham, no jardim do escultor Gloriani, serviu de mote à narrativa. A passagem gira em torno do motivo do “tarde demais”: o herói apercebe-se que perdera o trem da vida e agora só restava incentivar o jovem companheiro. “Mesmo assim, não se esqueça que é jovem – ditosamente *jovem*; regozije-se antes com isso e viva à altura. Viva tudo o que puder; é um erro não fazê-lo.” (p. 221). Nesse momento, na exata metade da aventura, põe-se de lado a possibilidade da consumação efetiva de um recomeço na Europa.

O monólogo do herói, cujo tom de balanço poderia contribuir para a configuração da experiência na obra, parece, no entanto, assentar uma impossibilidade. Marca a resignação que levará a defender com afinco a juventude contra os impedimentos que cerceiam o florescimento da vida. A constatação do trem perdido só é se, em algum instante, a personagem sentiu em si a chama fugaz da mocidade.

O primeiro encontro do herói com Chad, num camarote no Théâtre-Français, acompanhado da amiga, Maria Goestrey, sintetiza uma ambiguidade que pode aquilatar a referida segunda chance. O fato de a cena se passar num teatro não deixa de apontar para o que pode haver de enganoso, de atuação dissimulada na relação do herói com as demais personagens.² Tudo pode não passar de maquinações de Maria ou de Chad, ainda mais porque Strether pouco prestava atenção no que se dava no palco, para ele o verdadeiro drama se passava fora:

[2] “‘É estupendo! Mas como sabe’. Ela [Miss Barrace] declarou, ‘tudo depende do senhor. Não quero pôr a faca em seu pescoço, mas é a isso naturalmente que me referia quando disse que é alvo de nossa atenção. Para nós o senhor é o herói do drama, e estamos reunidos para ver qual será seu próximo passo.’”(JAMES, 2010, p. 436).

Ficara paralisado ali como um colegial sequioso de não perder um só minuto do espetáculo; ainda que essa parte do espetáculo então apresentado não houvesse dedicado um instante sequer de sua atenção. Na verdade não teria sido capaz, quando a cortina desceu, de fornecer a menor pista do que havia ocorrido em cena. (p. 153)

A menção ao estado de “colegial” preparara para o que vem a seguir. Com efeito, Strether se verá muitas vezes ao longo da narrativa como jovem inábil, sedento de conhecimento, correndo atrás de uma afirmativa que esclareça suas dúvidas; busca a certeza de que o rapaz não esteja envolvido em nada vulgar, que sua mudança seja legítima e que o regresso para os Estados Unidos faria murchar a flor cultivada. O que está em jogo não é só o futuro de Chad, mas o próprio, pois qualquer decisão acarretará consequências.

Ainda durante a peça o herói tecerá elucubrações que colocarão à distância as ideias de Woollett. Depara com um quadro tão diverso do que supunha que é, então, arrebatado:

Não estava absolutamente certo de que, após contemplar a crise no dia seguinte, ou melhor, naquela mesma noite, não seria obrigado a expedir de imediato uma breve missiva. ‘Encontrei-me enfim com ele, mas ó céus!’, um tipo de alívio temporário parecia pairar diante dele. Pairava de algum modo como se deixasse todo mundo preparado – mas preparado para o quê? Se decidisse prosseguir com um estilo tão mais brilhante quanto menos custoso indicaria por meio de quatro palavras: ‘Muito envelhecido – cabelos grisalhos.’ A esse item específico da aparência de Chad, ele tornou repetidamente durante aquela meia hora silenciosa. O máximo que poderia ter dito seria: ‘Se é sua intenção fazer me sentir jovem...!’, o que, de fato, queria dizer o bastante. Mas, para Strether sentir-se jovem, Chad devia sentir-se envelhecido, e um pecador velho e encanecido definitivamente não fazia parte dos seus planos. (p. 155)

Podemos acompanhar em ato a “dupla consciência”. A elaboração das impressões de Strether ganha corpo somente na medida em que, imaginariamente, informa a quem deve satisfação. Todavia, a suposta missiva não consistiria em um relato plenamente agradável para Woollett, mas suscitaria em vez disso um certo espanto, muito bem-vindo, diante da obra acabada. Strether responde aos seus superiores, porém maravilhado com aquilo que vê. Para não chocar nem decepcionar os destinatários – cujo destino, aliás, diz respeito ao seu – deve prestar contas em termos que não o comprometam; não pode nem deve oferecer uma apresentação direta de Chad enquanto alguém que se aclimatou. Em vez disso, opta por destacar o ar envelhecido do rapaz, cuja ambiguidade da afirmação (exaurido pelo decadente Velho Mundo ou amadurecido por este?) faz ver seu próprio caso.

O efeito é fazer com que o herói se sinta jovem. Chad exibe a marca tecida e trabalhada por uma experiência incapaz de se dar nos Estados Unidos. Adiante,

Strether confirmará que a mudança exterior não vem sem amadurecimento. Assim, cabe a ele resguardar tudo aquilo que pode aniquilar o caráter do moço. Arrogará a si a missão de protegê-lo não só contra as prerrogativas que encabeçava, como também contra tudo e todos que agirem em favor de Chad.

V

Entretanto, o herói nunca se entregará por completo. “Poderiam em seguida atar-lhe as mãos, mas apenas depois de ter sido registrado que ele tinha cinquenta anos.” (p. 156). A afirmação de autoridade pelos anos vividos faz desconfiar daquilo que descobre em Paris, assim como a experiência acumulada de uma vida cheia de privações, de perdas e submissão ao jugo dos poderosos; mas que, ao mesmo tempo, deseja romper com o passado. A ambivalência dos fundamentos e desejos que constituem a experiência de Strether – não seria outra coisa a “dupla consciência” – fará com que mantenha certa desconfiança sobre o que se oferece a ele.

Ao valer-se de sua experiência para tentar decifrar a transformação de Chad, projetará um caráter ambíguo em todo o conjunto da realidade:

O problema de todos esses elementos, porém, estava no fato de eles não terem se mostrado como fruto da experiência. Sim, a experiência foi a peça que Chad lhe pregou sem que tivesse, contudo, cometido a grosseria da insolência. Claro que a experiência era de certo modo insolente, mas não implicava ainda assim – na verdade, tratava-se do oposto – grosseria. Era como se Chad tivesse adquirido alguns anos, Strether pensou, em meio a estas últimas ponderações. (p. 167)

A experiência, aqui, assume diversos matizes. Os “elementos” da transformação de Chad não correspondem às expectativas de Strether a partir do conhecimento (experiência) que tinha do rapaz na vida e sociedade de Woollett. Novamente, a voz norte-americana ecoa. No entanto, a constatação do amadurecimento, visto como envelhecimento precoce, não só desmente a experiência individual prévia como é “fruto” de uma nova experiência social na Europa. Esta, por sua vez, é a “peça” que parece estar sendo pregada a Strether – expressão que alude ao que pode haver de falso em tudo isso.³ O que o rapaz viveu na Europa toma forma, para o *refletor*, como envelhecimento físico e refinamento do espírito possível de ser adquirido só com o passar dos anos. Em outras palavras, a partir do acúmulo de experiência.

A generalidade dos termos, apontada por Watt, abarca um duplo significado proveniente de uma posição difícil de conciliar. Strether contempla um

[3] “Estava tudo bem quando lamentava que parecesse tanto com um embuste; quase enrubescu, no escuro, diante do modo vago como vestiu essa possibilidade, como uma menininha a vestir sua boneca.” (JAMES, 2010, p. 511).

quadro cujas aparências convidam ao desfrute e, também, ao engodo. Não pode nem deve, por ora, entregar-se. Enquanto não possuir certeza das intenções e relações de Chad, deve manter postura desconfiada. *O que expressa a “dupla consciência” são os termos vagos e ambivalentes com que Strether hesita formular qualquer juízo assertivo acerca da situação do rapaz no Velho Mundo.*

A generalidade das formulações sobre a experiência na Europa possui, portanto, fundamento social: não se trata de ampliar os detalhes das impressões de Strether, a ponto de despertar a compaixão humana pela situação da personagem. A universalidade dos dilemas da consciência parece não dar conta dos conflitos levantados pela narrativa. É, na verdade, uma espécie de alternativa que garante ao herói poder comunicar a experiência de maneira a não desagradar gregos e troianos. De ser fiel a si e a Woollett. Uma forma de grande engenho, enquanto maneira de a um só tempo sobreviver e desfrutar do que vê. O perigo está no risco em se perder nos meandros da imaginação, elidindo o conteúdo concreto por trás da fachada.

Sua posição social, atrelada à alta-roda, não permite a afronta. Porém, conforme a narrativa progride, será cada vez mais difícil refrear o impulso em direção à vida que parece emanar da realidade apresentada por Chad. Não deseja desapontar Mrs. Newsome nem o moço. *As dificuldades de uma posição de classe, tensionada entre vontades alheias e próprias, tomam forma na hesitação, no retardamento do juízo e na generalização da expressão que engendram uma ambiguidade de termos, dificultando a apreensão do sentido.* Impulso e hesitação são marcas de um centro de consciência narrativo que, pela posição social que ocupa no jogo de interesses, não consegue apreender a verdade dos fatos.

Quando confrontado com Chad, a imagem que Strether projeta leva à inversão de perspectivas. Despontam novas ambiguidades: posto como “colegial” diante da imagem da experiência, a posição de Strether invoca tanto a ideia da segunda chance que se oferece quanto aquela de certa inocência facilmente ludibriada, entregue ao brinquedo daqueles que parecem saber mais do que ele.

Ganhamos em tomar as duas nuances em um só movimento. A inversão levada a cabo pela atitude de Chad faz rever o acúmulo de vida de Strether, até o ponto de fazê-lo sentir-se o mais novo entre os dois. O recomeço, neste caso, supõe o abandono da experiência anterior em prol de uma realidade que lhe atinge a alma, onde o domínio imposto pela alta-roda parece não ocorrer. Contudo, esforçamo-nos para demonstrar que este desejo de uma vida livre das amarras sociais é, na verdade, fruto de uma situação social muito definível.

O que parece estar em jogo é a validade da visão despojada das determinações sociais do “colegial”. Adiantando um pouco, a realidade que observa se apresenta enquanto livre dos interesses materiais, porém pode haver muito interesse – dos outros – em concebê-la deste modo. Menos do que a ideia de

uma sociabilidade que abole a hierarquia de classes em favor de uma suposta igualdade, a vida entre os ricos europeus e norte-americanos pode levar Strether a supor que ocupa um lugar e uma posição social que, de fato, não possui os meios necessários para ocupar.

VI

O que estamos procurando insinuar é que a forma de *Os embaixadores* incide programaticamente em uma generalidade dos termos que compõem a experiência do *refletor*, de maneira a incorporar no tecido narrativo duas formas opostas de compreender o conjunto da trama: de um lado a visão particular de Strether, que retira o que julga ser vulgar das relações – o interesse material; do outro, a desconfiança de que as demais personagens que agem sobre seu destino são movidas por razões pecuniárias.

A dificuldade está na particularidade da visão do *refletor*, o que impede a afirmação definitiva das motivações alheias. Estas só são possíveis de intuir. Entretanto, a tentativa de perscrutar o que não está exposto pelo texto se justifica pelo fato de o herói se encontrar, irrevogavelmente, sob o influxo de forças que determinam o curso de sua trajetória. Pretendemos, assim, tentar oferecer alternativas de leitura acerca dos anseios das outras personagens em relação a Strether. Hipóteses que tragam à luz aspectos sociais que ficam de fora do campo de visão do protagonista. Em uma palavra, James arma um dispositivo técnico que incita o leitor a supor os expedientes sociais e de classe que não comparecem no conjunto textual; solicita uma leitura empenhada em fazer emergir o que está escamoteado pelo ponto de vista narrativo.

Não é por acaso que a dama de Woollett, Mrs. Newsome, não apareça em corpo no romance. Sua figura, enquanto representante do poder industrial e das relações socioeconômicas, não pode nem deve se materializar, ainda mais porque a narrativa segue as impressões de uma consciência que faz *tabula rasa* das determinações sociais. Entretanto, a ausência física é compensada pela presença fantasmática: a) para Strether, o fato de a noiva não estar lá permite imaginar as possibilidades de um recomeço longe das privações econômicas da Nova Inglaterra; b) tomar o partido de Chad, contra o que julga ser a vulgaridade e estreiteza do pensamento norte-americano.

É no movimento cauteloso do pensamento de Strether que Mrs. Newsome faz sentir sua força enquanto emanção do poder social. Caso tomasse forma corpórea – digamos, aparecendo de surpresa em Paris para avaliar o desempenho de seus embaixadores, fazendo valer sua superioridade sobre os demais – poderíamos apontar uma inconsistência formal, pois a narrativa preza pelas lacunas quando se trata do mundo dos negócios, do poder do dinheiro e das restrições materiais.

Tanto é assim que o artigo produzido pela indústria de Woollett, responsável pelo lucro dos Newsomes, nunca é explicitado. Sabemos que o dinheiro da família teve origem no comércio, com o avô de Chad, e cresceu na indústria, com o pai dele, mas o conteúdo comercializado não é informado. Sobre ele paira a suspeita de imoralidade e vulgaridade que envergonharia a menção direta – assim como, em contrapartida, na terra natal, desconfiam da dignidade das relações de Chad na Europa. A visão cristalizada sobre o caso do rapaz vai, aos poucos, se modificando para o enviado de Woollett, conforme este prolonga sua estadia; já a perspectiva sobre a terra natal, para ele relacionada ao poderio econômico, está sujeita à revisão a partir do que compreende acerca da realidade europeia.

O horror à vulgaridade impede Strether de confessar à Maria Goestrey, no teatro, e na terceira noite do americano em Londres, em que consiste o fundamento da fortuna. “‘Ah’, ele disse de modo mais enfático do que vivaz, ‘não lhe pintarei o retrato e nem narrarei seus feitos [do avô de Chad].’” (p. 88). A veemente recusa em pintar o quadro, em dar uma imagem do passado pouco estimável da família, parece buscar não romper com o refinamento do recinto em que se encontram. Strether não quer rebaixar o horizonte de sua experiência com assuntos que remontem às ligações precedentes, ainda mais se elas tiverem a ver com dinheiro.

A menção a um artigo tão ordinário, sem dignidade, poderia manchar a ocasião – a grandeza da cena londrina, em tudo oposta à vida acanhada da Nova Inglaterra. “Era de fato como se houvessem se aprumado, reunido para um espetáculo, o espetáculo da ‘Europa’, dado por ele e sua aliada. Bem, o espetáculo não podia parar.” (p. 370).

O máximo que está disposto a dizer à amiga é que se trata, de fato, de coisa “vulgar”, ao que ela responde:

“Mas decerto não mais vulgar do que isso”. Então, ao vê-lo tão intrigado quanto ela há pouco estivera: “O que nos cerca.” Pareceu ligeiramente irritada. “Pelo que toma tudo isso?”

“Ora, em comparação? Como algo divino!”

“Este medonho teatro londrino? Impossível, se quer mesmo saber.”

“Ah, bem”, riu Strether, “então não quero saber!” (p. 87)

A enfática recusa em ver o que há de vulgar no “medonho teatro” engendra uma espécie de idealização (“algo divino”) do entorno que, em contrapartida, solapa qualquer aspecto negativo que possa corromper a experiência. O que interessa assinalar é o que há de voluntário na apreciação emitida por Strether: *ele, por vontade própria, não quer que Maria lhe conte o que pode haver*

de desmoralizante naquilo tudo. Claro que, como vimos antes, esse gesto faz ecoar toda a história pregressa do herói: é uma escolha feita por alguém cercado por restrições econômicas que minaram seu campo de vida. Justamente por isso, opta por deixar de lado tudo o que há de “banal”, tudo o que pode colocar em xeque a visão do Velho Mundo enquanto lugar intocado pela corrupção moral a que, invariavelmente, tiveram que incorrer aqueles em luta diária pela sobrevivência.

Maria não menciona o conteúdo do que julga ser “monstruoso”, mas podemos intuir – como também o artigo comercializado pelos Newsome permanece oculto – que talvez a omissão possa aludir ao movimento das forças produtivas que sustentam o mundo do capital. *Qualquer menção que faça ressoar o eco diabólico das engrenagens que põem em movimento o maquinário que sustenta a alta classe está, já de saída, fora do campo da experiência do herói.* Assim sendo, podemos supor que a “monstruosidade” a que a companheira de Strether alude guarda relação com a atitude vulgar dos que fazem com que a sociedade, que fascina o norte-americano, apresente-se com enganosa pompa e garbo.

Especulações à parte, o que interessa é o gesto do *refletor* que *escolhe* conceber a cena segundo seus próprios parâmetros; põe de lado, *deliberadamente*, o que porventura coloque abaixo o refinamento do espetáculo. Há uma espécie de teimosia infantil no princípio que sustenta a visão, já que não leva em conta o que diz a voz da experiência. Como diz James no prefácio, trata-se de um “excesso de imaginação” da parte de Strether que *ainda* não o levou à destruição.

Contudo, o que a imaginação da personagem põe de lado pode apontar para além do âmbito da contingência individual. A seleção e manejo técnico dos assuntos excluídos do escopo do representante de Woollett possuem tipicidade histórica que, por seu turno, dá especificidade à consciência que serve de eixo narrativo.

VII

Retomemos o episódio da primeira visita de Strether ao apartamento de Madame de Vionnet, na Rue de Bellechasse. A passagem é importante, pois abre a possibilidade de esquadriñar a dimensão de classe implicada na experiência vivida.

Existente na topografia parisiense, a Rue de Bellechasse não somente situa a ação na realidade urbana como alude ao aspecto histórico-político subjacente ao cenário: a localidade manteve-se intocada pela modernização da cidade na segunda metade dos oitocentos, idealizada pelo então prefeito de Paris, Barão Haussmann. Reminiscente da era romântica, dela emana o eco de uma época em que as ideias de universalidade e fraternidade não haviam ganhado estatuto

apologético, encobrindo o conflito de classes. No outro extremo da cidade, está o apartamento de Chad, no novíssimo Boulevard Malesherbes, símbolo pujante da nova Paris, da burguesia endinheirada interessada em desfrutar dos prazeres que a cidade pode oferecer. Veremos que a especificidade política da localidade do apartamento de Marie tem o seu interesse.

Strether é apresentado à Marie e Jeanne de Vionnet, mãe e filha, por Chad, logo após seu célebre monólogo no jardim do escultor Gloriani. Este é um momento decisivo na jornada: tomando ciência do peso da idade, a personagem resolve interceder a favor da juventude contra os compromissos dos negócios. Coloca em crise os valores ligados a Mrs. Newsome e passa a defender a permanência de Chad na Europa – para que ele, pelo menos, possa ter a oportunidade que lhe faltou.

Um gesto de altruísmo que sacrifica os próprios planos de vida em prol da aventura, do frescor e do encanto que a vida pode transmitir quando cultivada em ambiente propício. Porém, veremos que, quando levada em conta a posição das personagens no jogo de forças e interesses econômicos, o altruísmo pode ser a face ingênua de uma armadilha cujo fim pode ser a abdicação do quinhão individual no conjunto das relações sociais. Aqui vale insistir no duplo caráter do senso de juventude: pode tanto apontar para uma espécie de renascer; quanto certa inexperiência diante daqueles que dominam algo do funcionamento das relações de classe, tornando-se, assim, brinquedo na mão dos adultos.

Acometido pela dúvida de como melhor agir, decide conhecer a residência de Marie de Vionnet; da mulher que transformou Chad no distinto *gentleman*. Introduzido na residência pelo próprio moço, que logo teve de se ausentar alegando um compromisso – retirada estratégica? –, Strether consegue contornar o desconforto de estar a sós com Madame de Vionnet. “Ela ocupava, sua anfitriã, na Rue de Bellechasse, o primeiro andar de uma antiga residência ao qual nossos visitantes tiveram acesso por um pátio velho e bem cuidado.” (p. 243). A impressão de que se trata de uma residência *antiga*, assim como o *velho pátio*, dão a tônica do exercício imaginativo:

a casa, para seu espírito inquieto [de Strether] correspondia ao estilo da velha Paris da qual ele estava em perpétua procura – cuja presença às vezes sentia de modo intenso, cuja falta às vezes percebia com intensidade ainda maior – estava no polimento imemorial da larga escadaria e nas belas *boiseries*, nos medalhões, frisos e espelhos, nos vastos espaços vazios do salão branco-acinzentado que lhe fora franqueado. Logo de início julgou enxergar Madame de Vionnet em meio de haveres que não se espalhavam em vulgar prodigalidade, mas denotavam um caráter hereditário, estimado, encantador. (...) percebeu que

procurava atinar, na formação de sua ocupante, com algum tipo de glória e de prosperidade do Primeiro Império, uma espécie de esplendor napoleônico, um lustre esmaecido da grandiosa lenda; elementos que ainda se apegavam às cadeiras consulares e esculturas em bronze de seres mitológicos, aos bustos de esfinge e superfícies desgastadas de cetim lavradas com faixas alternadas de seda. (p. 243-244)

Como dissemos, o apartamento de Marie, nas proximidades da velha Paris, oferece à imaginação de Strether campo fértil para seus desejos íntimos. Quase como uma confissão, ele expressa a busca pelo passado da cidade que parece se extinguir: que surpresa quando constata que a residência corresponde, então, aos anseios íntimos que sempre acalentou! Tudo parece ter sido disposto – ou calculado – para despertar a suposição do que foram os dias napoleônicos: os espaços vazios do salão são, para uma mente inquieta, viva e hesitante, uma tela branca.

VIII

Aqui, a imaginação ávida pelo passado romântico toma conta do espaço a ponto de quase perder de vista o elemento moderno:

mas o período pós-revolucionário, o mundo que vagamente associava com o de Chateaubriand, de Madame de Staël ou mesmo do jovem Lamartine, deixara suas marcas nas harpas, urnas e archotes, marca que se via impressa nos mais diversos e pequenos objetos, ornamentos e relíquias (p. 244)

O que poderia comprometer a integridade da visão e da satisfação subjetiva é, estrategicamente, minimizado, diminuído diante do esplendor do passado. Ou melhor, o conteúdo novo está no acessório que, no caso, assume a forma de ornamento; da coleção de objetos-mercadorias que compõe o interior típico do cotidiano burguês e expressa a tentativa de afirmação da identidade proprietária. Em suma, há algo do gosto de classe que, se levado em conta, instila certa artificialidade na visão geral do apartamento.

Sabendo algo do ânimo e da disposição em fabular do herói, talvez não surpreenda que Madame de Vionnet apareça quase como elemento constitutivo da decoração. Sua presença que, como é de esperar, não tem para Strether nada de vulgar, também possui algo artificial na maneira como se integra ao todo – a artificialidade está na pretensa inocência com que, até segunda ordem, se apresenta. Se a hipótese aventada no parágrafo anterior

estiver correta, Marie de Vionnet encarna algo da forma mercadoria, cuja presença do valor de troca sobre o valor de uso alude às relações *fetichizadas* da sociedade moderna. Isto é, a mistificação realizada pelo emissário de Woollett opera em consonância com os pressupostos ideológicos que servem à exploração de classe: o modo como Marie é apreendida, enquanto representante de um mundo em vias de extinção, regido por ideais despojados de lastro histórico, pode ser, neste sentido, construção ideológica. Como pretendemos expor adiante, talvez as intenções da nobre senhora não tenham a pureza que Strether supõe.

Extrapolando mais um pouco, Madame de Vionnet talvez tenha arquitetado uma imagem para que fosse apreendida como parte do conjunto que desperta a simpatia de Strether. Para ele, a residente só pode sintetizar a prodigalidade de sua formação no esplendor com que a morada expressa o esplendor napoleônico. Anfiteatro e recinto se confundem para o *refletor*, de modo que a figura é entrevista como o mais interessante dos objetos que compõem o pitoresco recinto.

Seus cabelos, extremamente claros e delicadamente festivos, assemelhavam-se a uma ditosa imagem do espírito, uma noção do remoto, *de uma velha medalha preciosa, uma moeda de prata do Renascimento* enquanto sua figura esguia e vivaz, sua jovialidade, sua expressão e determinação contribuíam para conferir-lhe um efeito que um poeta diria situar-se entre o *semimitológico* e o *semiconvencional*. Ele poderia tê-la comparado com uma deusa recém-egressa de uma nuvem matutina ou com uma ninfa marítima mergulhada da cintura para baixo em uma onda estival. Acima de tudo lhe sugeria a ideia de que a *femme du monde* – nos mais requintados progressos da espécie – era, como a Cleópatra da peça, diversa e multifacetada. (p. 266-267)

Conjecturas à parte, o que interessa são os apelos do local a Strether, transportando-o, mentalmente, para longe do momento presente. O episódio da visita é apreendido de acordo com as expectativas de encontrar algo da antiga cidade, ainda preservada da modernização burguesa. Desta forma, acaba por se deslocar na imaginação para o passado, em busca do prazer contemplativo.

Não se trata de uma evasão diante de uma realidade estranha e opressora ao herói, mas antes de uma realidade que parece convidar ao desfrute e à realização dos anseios da consciência. A consequência, em contrapartida, é o embotamento da percepção do agora.

Vejamos como ele descreve o interior do recinto:

Até onde recordava era a primeira vez que se achava na presença de relíquias (de qualquer importância) de uma ordem privada – antigas miniaturas, medalhões, retratos, livros; livros encadernados em couro, em cor tirante ao rosa e ao verde, com ornatos dourados na lombada, dispostos, de par com outros pertences indiscriminados, atrás do vidro de estantes com orladuras de bronze. A Strether não escaparam todos esses detalhes, que se distinguiam entre os aspectos que marcavam a diferença entre o apartamento de Miss Goestrey e a adorável residência de Chad. Viu que o primeiro se fundava muito mais em velhas acumulações possivelmente reduzidas de tempos em tempos do que em qualquer método contemporâneo de aquisição ou forma de curiosidade. Chad e Miss Goestrey haviam vasculhado e comprado e colhido e permutado, peneirando, selecionando e comparando; ao passo que a senhora da cena que se descontinava em sua frente, primorosamente passiva sob o fascínio da transmissão – transmissão pela linha paterna, ele já decidira –, apenas se limitara a receber e aceitar, imperturbável. Quando se deixara perturbar, fora no máximo por um impulso de socorrer em segredo alguma fortuna em dificuldade. Strether até mesmo podia imaginar que a necessidade tivesse obrigado essa senhora ou algum de seus antepassados a apartar-se de certos objetos, mas não cogitava a hipótese de nenhum deles ter vendido peças antigas para adquirir outras “melhores”. Essa gente não fazia diferença entre melhor e pior. Só podia concebê-la sentindo – talvez durante um período de emigração ou degredo, pois sua imaginação era limitada e confusa nesse ponto – a pressão da escassez ou a obrigação do sacrifício. (p. 244-245)

Os artigos de interior são transformados em “reliquias”, o que estabelece baliza de comparação com os pertences de Chad e Maria. A coleção particular de Marie não sofreu qualquer mancha que afetasse seu valor histórico, não foi fruto de “qualquer método contemporâneo de aquisição ou forma de curiosidade.” Tratando-se de um juízo emitido por Strether, podemos supor que a composição do apartamento não foi fruto da curiosidade do simples consumidor, como seria, por exemplo, no caso de Miss Goestrey, cujo apartamento, mais adiante, é comparado a uma caverna de piratas, repleta de pilhagens.

Strether trata de oferecer sentido às posses de Madame de Vionnet: afirma mesmo que o acúmulo de objetos se deu, na verdade, pela transmissão, por parte do pai; pela tradição que passa de geração a geração; está diante de testemunhos da história viva, congregada no apartamento e na pessoa de Marie

de Vionnet. Se em caso de necessidade foi preciso se desfazer dos artigos, tal não se deve às determinações da existência no interior da sociedade regida pelo valor de troca, mas sim a um mero acidente de percurso. Um gesto de desapego feito com a grandeza de quem sabe se livrar apenas do que é acessório – gesto muito análogo ao que acredita estar realizando quando toma o partido de Chad contra a mãe, enfim, a mitificação vai longe.

As afirmações fornecidas pela consciência se baseiam no que acredita ser as marcas típicas de distinção e fidalguia da era absolutista – o que justifica Madame de Vionnet a se apresentar como representante desse universo decadente, cujos valores contrastam com a razão comercial característica do tempo. Porém, ainda que a residência esteja situada em um pedaço da Paris romântica, está cercada pelas novas construções da burguesia do Segundo Império. É esse entorno, erguido sob a égide do capital, que envolve e dá enraizamento histórico à Rue de Bellechasse, e que é desconsiderado por Strether.

A disposição de todos os objetos de decoração – Madame de Vionnet inclusa – incita a imaginação do *refletor* a fazer *tabula rasa* de qualquer outro fundamento que não corresponda à ideia de transmissão responsável pelo acúmulo. De modo que tudo parece ter sido cuidadosamente arranjado para o fascínio – ou para o engodo. Os objetos não configuram, para ele, mercadoria, pois não são passíveis de conter valor de troca; são antes reminiscência de uma era regulada pelo valor de uso. Em termos narrativos, a consciência da personagem faz emergir certo passado, muito idealizado, que acaba solapando as determinações sociais do presente.

IX

Em ensaio sobre a *Educação sentimental* de Flaubert, Dolf Oehler destaca o episódio de Fontainebleau, vivido pelo herói, Frédéric Moreau, e sua amante, a cocote Rosanette, durante as jornadas de junho de 1848, como o núcleo crítico do projeto romanesco – do processo que a narrativa move contra os *silent partners* do massacre promovido pela burguesia contra o operariado parisiense.

O casal abandona Paris e parte para lua de mel em Fontainebleau, às vésperas da carnificina. Burguês afeito às musas, com ares melancólicos e românticos, Frédéric desempenhara papel modesto durante o breve período da República; desencantado por não ter sido nomeado deputado, resolve deixar Paris, junto de Rosanette, em busca de reflexão sentimental e universalizante acerca do destino humano no contato com a natureza. A partida da capital pode ser vista como uma saída pela tangente: uma alternativa para aqueles que não querem presenciar o fim da lua de mel da, já escarnecida, República e o subsequente derramamento de sangue que está a ocorrer no exato momento da visita ao castelo renascentista e à floresta de Fontainebleau.⁴

[4] Em sua estadia na França, Strether também visita Fontainebleau: “Foi a Chartres e, diante da fachada da catedral, experimentou um senso geral de tranquila beatitude; foi a Fontainebleau e se imaginou a caminho da Itália; foi a Rouen munido de uma valise e cometeu a extravagância de passar a noite naquela cidade.” (JAMES, 2010, p. 333).

O que poderia ser interpretado como recusa do autor em lidar direta e criticamente com as forças da história é, na verdade, parte da estratégia flaubertiana que põe a descoberto o fracasso dos ideais revolucionários não no campo da ação popular, mas no ambíguo terreno erótico-afetivo da parcela burguesa que conduziu os acontecimentos de 1848. Pelo emprego sistemático da ironia na descrição do episódio, é possível ver na melancolia contemplativa do herói a tipicidade histórica das ações e consciência (burguesas) que compactuam com a opressão promovida pelo Partido da Ordem. Para Oehler, o desejo de se afastar do centro dos acontecimentos em direção a uma vida contemplativa é uma atitude marcadamente de classe, a saber, a do turista que procura abstrair-se da injustiça do presente em nome de uma “satisfação vicária do desejo” (OEHLER, 1998, p. 321).

As situações postas pela trama conspurcam cada vez mais as personagens na própria mediocridade. O gesto do casal em Fontainebleau acarreta a negação da história em nome do puro consumo – de experiências –, da vulgar atitude turística cuja falta de gosto toma forma na apreciação disparatada da história como espelho da condição humana em abstrato. A dimensão exemplar do idílio, patético e fútil, só aparece quando levamos em conta as piscadelas irônicas de Flaubert na descrição do passeio, perturbando a atmosfera – irrupções de lembranças malquistas da civilização que deixam escorrer por debaixo dos panos o sangramento em massa que está ocorrendo longe dali. “É justamente uma tal utopia [afastada do núcleo da ação histórica] que a *Éducation* desmascara como a hipocrisia daquele que tem interesse em fazer pouco da tarefa do dia e que, se preciso, apela à eternidade para poder depreciar o presente.” Por fim, arremata: “Jogar mundos distantes contra o próprio mundo resulta sempre na legitimação da injustiça que ocorre aqui e agora” (idem, p. 322).

Em uma palavra, a acusação de parte da crítica de que Flaubert teria realizado sobrevoos de olhos vendados sobre a realidade social, deformando-a pelo devaneio e pela misantropia universal, não contempla a percepção histórica e a consciência artística que compreendem o fracasso de junho à luz do fracasso da própria classe burguesa – transformando, assim, a evasão, o acaso e o devaneio do caráter burguês em princípio composicional.

Frédéric, que em teoria se liga à sua classe somente enquanto proprietário, já que seu espírito romântico e sua verve artística o afastariam de qualquer identificação com a burguesia reacionária, não possui força de caráter nem fibra moral para romper com os paradigmas que regem o comportamento burguês. O herói é burguês até a raiz dos cabelos e seu turismo em Fontainebleau é o complemento homicida da Guarda Nacional. Curiosamente, é na lua de mel, distante das barricadas de Paris, dos centros de debate político e da vida econômica, que vemos sua posição de classe emergir com toda a força.

X

Pois bem, o que pensar de Strether nessas condições? À semelhança do protagonista da *Educação sentimental*, este também possui tendência para o devaneio e certo gosto pelo pitoresco dos lugares que permitem o mergulho subjetivo. No entanto, como não é proprietário, as semelhanças param por aqui. Ao contrário do romance de Flaubert, n' *Os embaixadores* é a Paris pós-1848 que aparece como local privilegiado para a realização dos mais variados desejos do corpo e da alma. Ainda que o *refletor* esteja sempre às voltas com a velha cidade, é na cidade burguesa que encontra respaldo aos anseios; Paris como referência artística, como capital burguesa, como a Babilônia dos desejos (cf. OEHLER, 2004, p. 128-129).

Muito diferente do burguês ocioso, cuja renda sustenta os hábitos diletantes, o gosto artístico e a vida política e social, Strether não depende apenas de si para viver. A vida acanhada que leva nos Estados Unidos, onde ocupa posição dependente do capital, quando exposta à influência europeia permite expandir o horizonte da experiência intelectual, ética e artística. De modo que, ao encontrar em Paris, mais precisamente, no apartamento de Marie de Vionnet, campo profícuo para sua imaginação, o preço a se pagar é obliteração da realidade imediata.

Caso análogo ao fascínio turístico que o acomete quando da visita à Catedral de Notre Dame:

Nosso amigo percorreu a longa nave sombria, sentou-se no esplêndido coro, parou diante das apinhadas capelas do lado oriental, e o poderoso monumento exerceu seu encanto [*spell*] sobre ele. Podia ser tomado como um estudante maravilhado diante de um museu – que era exatamente onde, em uma cidade estrangeira, no outono de sua existência, ele gostaria de ter a liberdade para estar. Essa forma de sacrifício serviu, naquela ocasião, tão bem quanto qualquer outra; serviu para que entendesse perfeitamente como, dentro do recinto, para o verdadeiro refugiado, as coisas do mundo poderiam entrar em suspensão. (JAMES, 2010, p. 287)

Diferente do idílio buscado por Frédéric, cuja sensibilidade melancólica mais o aproxima do que o afasta da própria classe, aqui tudo parece arranjado para que Strether ocupe o lugar de turista sem, de fato, poder sê-lo: seu capital é restrito, não possui meios para prolongar demasiadamente sua estadia em Paris nem para se dar ao luxo de gastos dispendiosos, como é o caso do amigo Waymarsh. Só lhe resta tentar avivar o que lhe vai na alma, de forma que fica

deslumbrado quando encontra uma realidade que corresponde, sob medida, aos seus desejos espirituais.

Paris deve ser apresentada a ele, por Chad e seu círculo de relações, como lugar da universalidade do espírito humano, onde os preconceitos de classe não aparecem. Para que isto ocorra é necessário certo arranjo – ou, se quisermos, manipulação – que marque a realidade como ausente das determinações sociais. Melhor dizendo, não se trata do desaparecimento da hierarquia de classes que reduz a experiência aos modelos econômicos existentes, mas sim de fazer o herói acreditar que ocupa um lugar de classe que, por razões materiais, não lhe pertence. A realidade que lhe é desvendada convida ao apelo do turista que prefere antes a contemplação imaginativa ao embate com o presente.

Todavia, o herói não possui capital para manter a posição de turista, embora tudo se ofereça a ele pronto para o consumo – o consumo de experiências que alimenta a imaginação. Se o efeito que gera a contemplação da cidade, das casas, igrejas e jardins que visita, sempre mediado por Chad ou alguém de sua confiança, é o de deixar de lado o presente da situação, não deve ser ele, Strether, representante de interesses maiores, quem sai ganhando, mas sim aqueles que lhe servem de guia, que parecem arquitetar um conjunto que exerça determinado fim.

Naturalmente poderíamos sinalizar um ganho de felicidade e enriquecimento espiritual para Strether, mas, seguindo o raciocínio de Dolf Oehler, os principais beneficiados devem ser aqueles que compreendem a experiência dentro do quadro maior das determinações sociais: os proprietários ou simpatizantes dos proprietários que, por algum motivo, se veem ameaçados por Strether e, assim, manejam a realidade.

Diante dessas personagens, que não descartam o papel do dinheiro na formação subjetiva, Strether faz figura de criança. Daí a dimensão sombria que há no fato de Chad se mostrar amadurecido, enquanto o emissário de Woollett se sente cada vez mais novo: parece haver, por parte das outras personagens, certo conhecimento do funcionamento social que Strether, deliberadamente, em favor de uma experiência autêntica, deplora. É este conhecimento acerca da sociedade que permite mostrar Paris como palco da liberdade humana. A consequência disso, como sabemos, é fazer com que o herói mude os termos de sua missão.

A mudança de posição em relação à causa da embaixatura poderia beneficiar quem se veria prejudicado, econômica e socialmente, se o herói consolidasse seu caso amoroso com o principal nome por trás do parque industrial de Woollett. O pobretão Strether poderia, enquanto candidato à mão de Mrs. Newsome, tomar parte nos negócios da família e, assim, atrapalhar os planos dos herdeiros diretos, Chad e Sarah Pocock. A estes e a quem mais pudesse

lucrar com os dois no comando do complexo industrial, interessa que Strether se encante pela Europa e decida ficar por lá!

“Era ele que, de algum modo, no fim pagava a conta, enquanto os outros se limitavam a participar do banquete” (idem, p. 442). Por isso a constante desconfiança da “dupla consciência” que, diante do apelo ao desfrute que a realidade impõe, mantém-no sempre ressabiado, em alerta, com receio de estar caindo em uma sublime armadilha armada para seu deleite.

O raciocínio que leva em conta as vantagens materiais de cada personagem, inclusive as do próprio herói, trata-se naturalmente de uma especulação, pois, como estamos nos esforçando em demonstrar, a narrativa é apresentada por um centro de consciência cujo foco é a vida afastada das legitimações sociais sobre a possibilidade do desenvolvimento subjetivo da expectativa íntima em uma realidade que, por seu turno, convida a este desenvolvimento. Ainda assim, vale destacar que é a leitura interessada em mapear os interesses econômico-sociais que redimensiona e ilumina, por vezes, as ações das personagens; oferece algum sentido para o que só é possível supor e imaginar, assim como Strether.

XI

Com isso em vista, é possível intuir algo dito no início a respeito do dispositivo técnico do *refletor* que não concede à personagem que serve de eixo narrativo o privilégio da narração em primeira pessoa, mas antes a enquadra por um narrador que procura não corrigir as afirmações e equívocos acerca da realidade.

Aderir ao que é exposto ostensivamente pela narrativa é tomar como verdade o mundo que se apresenta a Strether enquanto despojado do cálculo interessado, como palco de realização da experiência livre das amarras de classe, pautada pela universalidade entre os homens. O próprio texto, no entanto, aponta para outra direção, pois abusa de lacunas, mal-entendidos, ambiguidades que só são possíveis de se desvendar levando em conta os aspectos que o próprio *refletor* rejeita. A despeito do prejuízo no entendimento do enredo, essa perspectiva carrega, também, uma leitura afinada com os interesses daqueles que pretendem fazer *tabula rasa* do universo social que sustenta a esfera do capital. A saber, a classe dos proprietários que, analogamente ao que podemos supor, sem afirmar, a respeito de Chad e seus pares, ganham em induzir Strether a solapar a realidade imediata por meio de sua riqueza imaginativa.

Uma leitura armada para levar o leitor à identificação com os interesses que sustentam a exploração de classes, configurando um universo ficcional em que os expedientes histórico-sociais cedem espaço para a ideia de universalidade das relações intersubjetivas. Em uma palavra, Strether se identifica ao lugar do

turista-consumidor sem sê-lo. É preciso, assim, saber o uso prático da distância, propositadamente, mantida pelo narrador em relação à personagem *refletora*, o que permite colocar em perspectiva crítica o conteúdo de primeiro plano.

Cumprir insistir que a leitura, cujo intuito é restituir as implicações sociais e oferecer o substrato que falta à compreensão, depende da disposição do leitor em se contrapor ao juízo de Strether. Em nenhum momento está firmada a relação entre os interesses econômicos das personagens na ordem social e a experiência do herói. Ainda que a ação não possa ser integralmente compreendida pelo ponto de vista de Strether é, somente, através das limitações de entendimento que se incita uma leitura a contrapelo e, desta maneira, torna-se possível estabelecer o vínculo entre experiência e realidade social.

A recusa em conceder a palavra a Strether para que ele narre a própria aventura tem fundamento histórico-político. Os lapsos de entendimento e a parcialidade com que o *refletor* enxerga o mundo ao redor são integrados ao tecido narrativo, engendrando um senso de inacabado que impede a definição. Contudo, não se trata de defeito de composição, já que o referencial positivo, isto é, aquilo que poderia esclarecer as limitações do ponto de vista, está de todo ausente. A distância mantida pelo narrador tem a função de inverter os papéis, pois encarrega o leitor, e não mais o narrador, de oferecer respostas para o sentido que não consegue ser abarcado: tentar compreender a experiência subjetiva do herói no quadro maior da sociedade objetivada pelo valor de troca não deixa de ser uma atitude política na medida em que, assim como Strether, buscamos em nossa própria experiência integrar as relações mobilizadas pela trama.

A novidade do dispositivo técnico do *refletor* se evidencia pela possibilidade de redimensionar a validade da experiência individual. A impossibilidade da realização da experiência subjetiva, no caso da narração direta e confiável da matéria por aquele que a viveu, é aqui hipertrofiada a ponto de perdermos-nos na imensidão da imagem. Tomar como verdadeiro o mundo com que a personagem depara é ignorar os inúmeros alertas, muitas vezes irônicos, que a narrativa emite a respeito da falsidade do conjunto; compactuar com a realidade ostensivamente exposta é aderir ao jogo de interesses de classe que só pode subsistir pelo que teima em ignorar – enquanto a desconfiança diante do que nos é mostrado coloca em xeque o conteúdo narrativo, pondo em dúvida a autoridade da experiência.

Em síntese, o trecho armado por James imbrica a experiência do leitor – em termos sociais e políticos – à experiência de Strether. Assim como a personagem só pode contar com sua capacidade imaginativa para tentar compreender as relações e o mundo ao redor, nós nos vemos obrigados a recorrer ao nosso próprio conhecimento para tentar responder aos espaços em branco deixados na narrativa. Tudo está no componente social por que optamos para dar sentido

ao texto: a lição de James só é positiva na medida em que nos contentamos com a parcialidade de sentido das relações sociais, sem questionar o estatuto ideológico que possui a experiência. Para, então, evitar o caráter apologético ao ponto de vista de classe, o esmero técnico-formal jamesiano se embebe da negatividade da visão do *refletor* para vislumbrar o universo da exploração de classes e das forças produtivas que mantém em funcionamento a realidade que fascina e ao mesmo tempo pode destruir Strether.

Gabriel Gimenès de Godoy – Mestrando do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Este artigo foi produzido para a conclusão do curso “Sobre ‘O narrador’ de Walter Benjamin”, ministrado pelo professor Samuel Títan Jr. em 2018. Contato: gabriel.gimenes.godoy@usp.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2008.

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2012.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BLACKMUR, Richard P. *Studies in Henry James*. New York: New Directions, 1983.

BOOTH, Wayne. *The Rethoric of Fiction*. Chicago: Chicago University Press, 1970.

BROOKS, Peter. "Henry James and the turn of the novel". In: *Realist Vision*. Yale: Yale University Presse; New Haven & London, 2005.

BROOKS, Peter. *The Melodramatic Imagination: Balzac, Henry James, Melodrama and the Mode of Excess*. New Heaven: Yale University Press, 1976.

CHASE, Richard. *The American Novel and its Tradition*. New York: Doubleday Anchor, 1957.

CREWS, Frederic C. *The Tragedy of Manners: Moral Drama in the Latter Novels of Henry James*. New Heaven: Yale Univeristy Press, 1957.

EAGLETON, Terry. "Henry James". In: *The English novel: an introduction*. Malden, MA: Blackwell, 2009.

EDEL, Leon (org.). *The prefaces of Henry James*. Paris: Jouve et Cie., 1931.

FREEDMAN, Jonathan (ed.). *The Cambridge companion to Henry James*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GODDEN, Richard. *Fictions of Capital: the American Novel from James to Mailer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GOETZ, William R. *Henry James and the darkest abyss of romance*. New Orleans: Louisiana University Press, 1986.

GORRA, Michael E. *Portrait of a Novel: Henry James and the making of an American masterpiece*. New York: Liveright Paperback, 2013.

JAMES, Henry. (org. Marcelo Pen). *A arte do romance: antologia de prefácios*. São Paulo: Globo, 2003.

JAMES, Henry. *Os embaixadores*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JAMES, Henry. *The Ambassadors*. Revised Collected Edition, Macmillan: Londres, 1923.

JAMES, Henry. *The Art of the Novel*. New York: e.d R.P. Blackmur, 1934.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2009.

MARX, Karl. *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*. São Paulo: Boitempo, 2012.

OEHLER, Dolf. *O Velho Mundo desce aos infernos: auto-análise após o trauma de junho de 1848 em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OEHLER, Dolf. *Terrenos Vulcânicos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PARREIRA, Marcelo P. *Realidade Possível: Dilemas de Ficção em Henry James e Machado de Assis*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2006.

SCHWARZ, Roberto. "Retrato de uma Senhora: sobre o método de Henry James." In: *A Sereia e o Desconfiado: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

SCHWARZ, Roberto. "Questões de forma". In: *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WATT, Ian. "O primeiro parágrafo de *Os embaixadores*". In: JAMES, Henry. *Os embaixadores*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

